



**CLÁUDIA
LAITANO**

claudia.laitano@zerohora.com.br

LEITOR

leitor@zerohora.com.br Editado por: Aloha Boeck - 3218-4113

ONDE ESTAMOS

Instagram@zerohorarbs

Facebook facebook.com/zerohora

Twitter@zerohora

Google+ plus.google.com/+zerohora

WhatsApp (51) 9667-4125

O circo e o shopping

A lona colorida que abrigava a maioria das atividades da Jornada Nacional de Literatura de Passo Fundo – até ser substituída, em 2013, por um anódino pavilhão branco, mais barato – guardava a memória da origem provinciana e periférica do evento. Simples e resiliente, como costumam ser os circos que vão até os lugares aonde os musicais da Cláudia Raia não chegam, a Jornada nasceu sem frescura, sem área VIP, sem joias balançando na primeira fila da plateia. Seu público, formado basicamente por professoras e estudantes – satisfeitos pelo simples fato de estarem ali, saindo da rotina –, nunca se importou muito com o barro nos sapatos ou as eventuais goteiras. O único luxo do Circo das Letras, sabia-se, era o time de autores de primeira linha que conseguia atrair para Passo Fundo. E mesmo os escritores não eram tratados a suíte presidencial e champanha. Fosse o convidado um autor em início de carreira ou um velho intelectual francês, comiam todos no mesmo bufê.

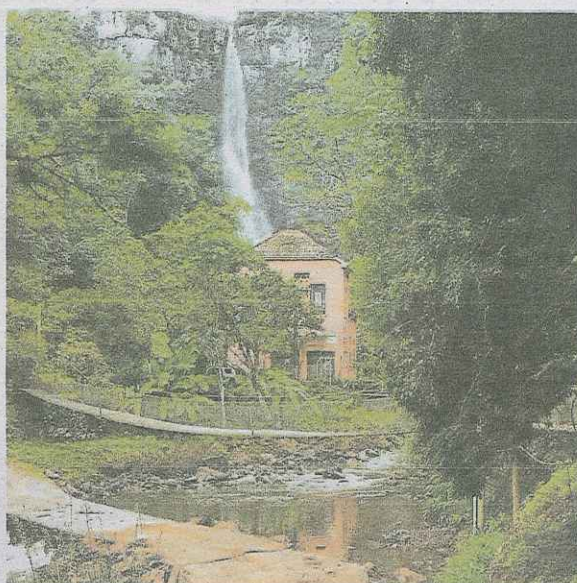
Simples, barulhenta, nem sempre muito propícia aos debates literários mais eruditos, a Jornada era a cara do Brasil – não como ele é hoje ou como gostaria de ser quando sonhava com índices chineses de crescimento, mas como poderia ter sido se tivesse juízo. 1) Por ter nascido fora da tutela do Estado, a partir da iniciativa de escritores gaúchos e professores da UPF movidos pelo saudável espírito republicano de chamar para si a responsabilidade de agir pela comunidade, em vez de apenas esperar que papai (ou mamãe) governo tome todas as providências. 2) Pela opção acertada de dar prioridade para a formação de leitores na escola, porque é ali que as mudanças realmente acontecem. 3) Por valorizar o professor e entender a conexão profunda entre educação de qualidade e cultura. A Jornada era o evento de um Brasil que conhece seus limites e sabe por onde o trabalho tem que começar.

Infelizmente, a lógica que deu origem ao encontro, em 1981, no comecinho da redemocratização, não foi a que prevaleceu no país. De forma especialmente aguda nos últimos anos, a mentalidade que tomou conta do Brasil foi a de associar progresso a consumo. A classe C está comprando TV de tela plana e smartphone? Então estamos bem. As escolas públicas estão caindo aos pedaços? Bom, amanhã a gente pensa nisso. Nesse Brasil do autoengano e da “gourmetização”, o evento literário mais badalado é a Flip, que tem cenário de cartão-postal e público AA, e não a Jornada, que está mais para quermesse de escola pública do que para casamento da Preta Gil.

O Brasil claramente escolheu o shopping como espaço sagrado, e não a escola. Ali onde deveriam ser formados brasileiros capazes de pensar, trabalhar e viver em grupo, há apenas vazio moral e prestígio. Quis o destino (ou Eduardo “Ricardo III” da Cunha) que o cancelamento da Jornada fosse anunciado no mesmo dia em que o plenário da Câmara deu aval ao projeto de construção de um shopping para os deputados – que, vejam só, deve custar aos cofres públicos algumas centenas de Jornadas. E ainda dizem que o Brasil não é coerente.



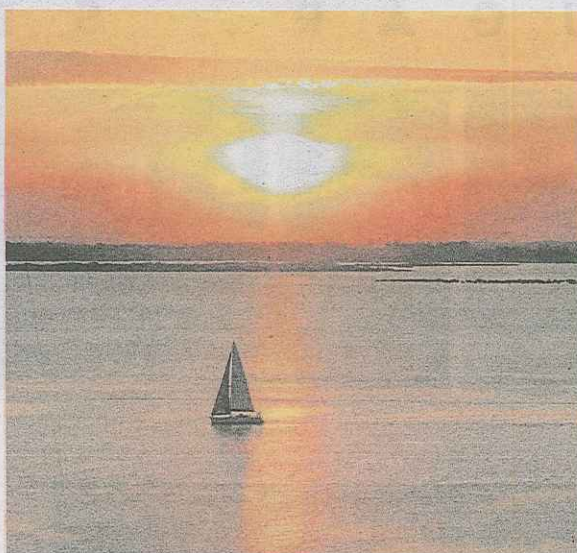
FOTOS DO LEITOR



LUCIANA ADELAIDE STAUDT, de Dois Irmãos, fotografou a cascata de Santa Maria do Herval.



SINARA BALLARDIN PARISOTTO, de São Marcos, registrou a paisagem de outono na Linha Tuiuti.



LEONARDO BIEHL registrou a calma do veleiro em um fim de tarde do Guaíba na Capital.



COMENTÁRIOS

METAS DO ESTADO

Seriam cômicas, se não fossem, na verdade, trágicas e provincianas, as tais metas que o governador Sartori apresentou à população. Na falta de iniciativas realmente concretas, claras, objetivas e realizáveis, optou pelo rebuscado linguístico para disfarçar suas impossibilidades. E dá-lhe “resolutividade”, “desempenhos finalísticos e entregáveis”, “outorga em análise” e por aí vai. O óbvio ululante, como diria Nelson Rodrigues. O mais do mesmo. Ou seja, estamos diante de um governador (em quem votei, infelizmente) que nos infantiliza. Fala sério...

MAGDA DE ALMEIDA
Jornalista – Porto Alegre

IMPUNIDADE

Quando leio a notícia sobre o ciclista e cardiologista morto a facadas no Rio de Janeiro, reflito novamente: é a isso que me refiro diariamente em minhas conversas. Estamos perdendo essa guerra, e não por falta de bravura de nossos policiais, mas por falta de investimentos em saúde, segurança e educação. Não se governa sem investir nesses três itens que são obrigação de Estado. Estamos em guerra e perdendo. Policiais sérios e a sociedade de bem caíram no esquecimento. A legislação brasileira favorece desde o bandido comum ao grande corrupto. A impunidade é a regra. Esse é o preço a ser pago. O pior de tudo é que isto é só o começo.

RICARDO DE SOUZA SALAMON
Comissário de Polícia Civil – Viamão



SOBRE ZH

VERISSIMO

Com muita verve e talento, Luis Fernando Verissimo (ZH, 21/5, página 4), em sua coluna “Transbording”, tece ácido e divertido comentário sobre o modismo empobrecido que vige nas classes intelectualoides, com texto impregnado de termos estrangeiros, e arremata, com muito humor, que para poder entrar em casa deverá usar um passaporte.

PEDRO MONTEZUMA PACHECO PRATES
Advogado – Porto Alegre

MOISÉS MENDES

A cada dia, admiro mais Moisés Mendes. Gosto muito do que ele escreve. É um dos motivos para que eu mantenha minha assinatura de Zero Hora. Ele tem uma visão muito para frente e tem coragem de escrever a verdade, coisa que ninguém mais tem.

ESTELA MARIA DALL'AGNOL DA SILVA
Professora aposentada – Marau

CORREÇÃO

Storari é o goleiro da Juventus, e não da Lazio como publicado na página 38 da edição de quinta-feira.

Cartas (ou fotos) ou histórias pessoais de leitores que envolvam Zero Hora devem ser endereçadas à seção Do Leitor com nome, profissão, endereço, nº do CPF do remetente e fone para contato. ZH reserva-se o direito de selecioná-las e resumí-las para publicação